

## O AUREUS DO TESOURO DE CASAL, FRIUME<sup>(1)</sup>

por M. DE CASTRO HIPÓLITO

A circunstância da recente transacção da única moeda de ouro do tesouro de Casal, Friume, peça inventariada no *Diário do Governo* n.º 65, de 18 de Março de 1954, 2.ª série, deu-nos oportunidade de proceder ao exame directo deste numisma. Tal circunstância permite-nos dar do mesmo mais completa descrição da que foi publicada no já citado número de *Diário do Governo* e reproduzida por M. Ramires e ainda acrescentar algo sobre a sua identificação. Além da raridade do espécime, aspecto notado por M. Cardoso e M. Ramires, e do seu invulgar estado geral de conservação, como o salientou este último estudioso, a peça em análise constitui, dentro da numária de Domitianus e sob o ponto de vista artístico, o que se poderá chamar, com propriedade, uma unidade de primeira classe. Outros aspectos, como se verá, justificam que a peça seja objecto de exame<sup>(2)</sup>.

Dado que ela foi já publicada em tamanho que é, sensivelmente, o seu tamanho natural, dá-se agora da mesma uma ampliação (cerca de 3 ¼). Se a cor é, regra geral, um elemento absolutamente dispensável

---

(1) Freg. de S. Salvador, conc. de Ribeira de Pena; cf. M. Ramires, «Tesouro monetário romano de Friume», *Nummus*, vol. II, n.º 6, Porto, 1954, pp. 74-80 = M. Castro Hipólito, «Dos tesouros de moedas romanas em Portugal», *Conimbriga*, vols. II-III, Coimbra, 1960-1, p. 24-28 (tes. n.º 28).

Índice de abreviaturas:

BM — British Museum.

BMCE I, BMCE II (= BMCE), BMCE III — H. Mattingly, *Coins of the Roman Empire in the British Museum*, vol. I, London, 1923; *idem*, vol. II, *id.*, 1930; *idem*, vol. III, *id.*, 1936 (reimpressão, London, 1955, 1966, 1966, respectivamente).

C (=Cohen) — H. Cohen, *Description Historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain...*, 2.ª ed., vol. I, Paris, 1880 (reimpressão, Graz, 1955).

RIC — H. Mattingly and E. A. Sydenham, *The Roman Imperial Coinage*, vol. II, London, 1926 (reimpressão, London, 1968).

RICHCC — A. S. Robertson, *Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet*, vol. I, Oxford, 1962.

(2) De momento apenas nos ocupamos do *aureus*. Em data oportuna não deixaremos de nos ocupar do achado em geral. Se não for antes, fá-lo-emos ao publicar um tesouro inédito, também integrando os dois metais e, *grosso modo*, da mesma cronologia.

- 3 — Ref. 145: Santamaria, 25/Maio/1926, lote 281.  
 4 — Ref. 305: peso: 7,77 gr.; Ars Classica XVIII, 10/Out./1938, lote 159 (a lápis, anotado, [coleção] Sartiges).  
 5 — Ref. 323: Glendining, 20/Fev./1951, lote 1704 (coleção U.J.E. Ryan).

Os resultados do estudo comparativo entre tal documentação e as nossas fotos do áureo de Casal podem sintetizar-se como segue. O áureo de Casal

- a) provém do mesmo par de cunhos da peça n.º 5, conclusão que se nos afigura suficientemente segura dada a qualidade da fotografia e a circunstância da peça ser, de todas as 5, a melhor conservada;
- b) pode provir igualmente do mesmo par de cunhos da peça n.º 2, muito especialmente no que se refere ao reverso que, se não é o mesmo, é extremamente similar;
- c) provém, muito possivelmente, do mesmo cunho dos aversos das peças nos. 1 e 4, a qualidade da fotografia da peça n.º 3 não permitindo conclusões seguras;
- d) poderá provir do mesmo cunho do reverso da peça n.º 3.

A circunstância da peça portuguesa ter aparecido em um tesouro era já, só por si, um dado de primeira qualidade. O estudo feito com a documentação ilustrada do BM arruma definitivamente a questão. A genuinidade da peça encontrada em Portugal garantiria, se isso fosse necessário, a autenticidade de outras peças sobre as quais a suspeição decorreu, ou poderá ter decorrido, supomos, do factor raridade, aliado, muito possivelmente, a um certo conjunto de características da própria peça. Estas características justificam que se leve mais longe a análise.

Seja-nos permitido invocar aqui um dado de experiência pessoal. À data a que fomos chamados a proceder ao exame do áureo de Casal já tínhamos alguma experiência relativamente a peças de prata de Domitianus. Havíamos já estudado um tesouro com um razoável número de peças deste imperador e tínhamos, portanto, alguma familiaridade com um certo tipo de retrato do irmão Titus. À simples vista da imagem tornara-se-nos fácil reconhecer o retratado. Efectivamente, os aversos com os quais havíamos travado «pessoal» conhecimento caracterizavam-se por uma grande homogeneidade quer no tratamento da fisionomia, quer em particularidades de elementos secundários do tipo, tais como coroa, proporções relativas da cabeça, tipo de pescoço, orientação da cabeça,

a normal ausência de busto típico, etc. Ora, depois, dessa experiência pessoal com retratos de Domitianus, o contacto com o próprio áureo de Casal — a fotografia publicada em *Nummus*, pelo menos na sua forma impressa, não é de boa qualidade — deu-nos a sensação do contacto com algo que se nos apresentava como não familiar. A legenda, em letras perfeitíssimas, era mais do que clara, de leitura imediata mesmo para um quase não iniciado, mas o tipo do anverso tinha muito de peculiar na medida em que se afastava muito da imagem que havíamos formado ao manusear peças do já referido tesouro. Realmente, a emissão de que esta peça é um belo testemunho é, falando em termos gerais, excepcional por vários aspectos. Além do tratamento do perfil e feições imperiais havia outros elementos do tipo que se afastavam do que, repetidamente, tínhamos até então encontrado. Tratando-se de uma peça que não foi cunhada logo no início do reinado do sucessor de Titus, quando se poderia esperar uma certa indecisão ainda na definição de um tipo e «estilo» de retrato que depois se tornasse mais ou menos modelo convencional, como ocorre, com certa frequência, no retrato monetário romano, não parece muito aventureiro sugerir que o retrato da nossa moeda é obra de uma mão que não segue aspectos que se haviam tornado, ou estavam em vias de se tornar, típicos da imagem pública do segundo herdeiro de Vespasianus, tal como essa imagem é apresentada na moeda (1). Mas voltemos à análise objectiva da peça.

Começemos pela datação, a qual não oferece a mínima dúvida. A peça é inequivocamente datada pela legenda do reverso, já que o décimo consulado imperial ocorreu no ano 84. Outros elementos igualmente objectivos tornariam possível, se esse faltasse, a definição de um limite *post quem*, pelo menos, para a sua cunhagem. O título *Germanicus* foi adoptado por Domitianus pela primeira vez em 83. Na orientação da legenda do anverso é possível também encontrar um marco cronológico. Entre 81 e 84 ela é diferente da que vai manter-se, invariavelmente, de 84 até final: a orientação da legenda da nossa peça não poderia ser anterior a 84. Vimos já atrás que até 87 a regra é, para os metais nobres, a cabeça laureada. Por outro lado, embora as peças exibam mais do que o que em rigor se deve chamar cabeça, pois nelas ocorre a existência de um pescoço

---

(1) Confronte-se a nossa fotografia com a simultaneamente boa fotografia e impressão de J. P. C. Kent, B. Overbeck, A. U. Stylow, M. Hirmer, *Die Romische Munze*, Munchen, 1973, Tafeln VII e 63-65.

alongado exibindo no seu extremo anterior o que, com propriedade, se tem de chamar algo do tronco, a regra geral até 84 é a ausência de vestuário. Com este em *RIC* só há a registrar uma exceção (cf. p. 158/39, denário de 83) até 84. A partir deste ano coexistem simples cabeças e busto com vestuário ou *aegis*, embora dominem as cabeças. Outra regra é a orientação da efígie para a direita, exclusiva até 84. Só então passam a coexistir as duas orientações, embora mesmo assim a orientação para a esquerda só raramente ocorra.

O teor da legenda do anverso justifica também algumas observações. Tal legenda constitui, igualmente, uma exceção em moedas de metais nobres. Em *RIC* só é atribuída a peças citadas em duas notas, não a peças incluídas na numeração progressiva do *corpus*, portanto (1). Realmente, nos metais nobres de Domitianus, a indicação da filiação não aparece nas legendas de *RIC* mas ainda aqui há também observações a fazer. É indispensável verificar o que ocorre com a amoedação em *aes*. Nos chamados metais pobres a legenda do nosso áureo ocorre, acrescida de P M, em peças de Roma datadas de 81 e 82, associada a anversos com o tipo da nossa moeda (cf. pp. 183-4). Também em peças de Roma datadas precisamente de 84 a mesma legenda ocorre, acrescentada agora de GER COS X (cf. p. 184). Estas peças (pp. 183-4) são sestércios, dupondios e asses, portanto peças de módulo bem superior ao de um áureo. Nas de 81 e 82 verifica-se que as legendas do reverso são pura e simplesmente uma continuação da titulatura imperial, iniciada no anverso, exactamente o que ocorre com o nosso áureo cujo reverso é, recorde-se, formado pelo *cognomen* GERMANICVS seguido do número do consulado (COS X). Verifica-se, nestas condições, que embora a legenda do nosso áureo permaneça invulgar, tal como outros aspectos do mesmo já referidos, ela nada tem de insólito, não podendo daí tirar-se o mínimo argumento, com suficiente fundamento, para pôr

---

(1) Cf. p. 156, nota 19 e p. 159, nota \*. Trata-se de peças com as seguintes referências, respectivamente: a) Denário, C. 579 (*M. Collin*) — não se dá qualquer justificação para a sua eliminação do *corpus*, apenas se qualificando a leg. de «unusual» (*BMCE*, p. 302, nota 23, também cita esta legenda, citação que, não comentada e tal como é apresentada, se nos afigura muito equívoca, pela não tomada clara de posição do autor); b) a peça da venda Hirsch, já por nós devidamente referida.

em questão a autenticidade da peça <sup>(1)</sup>. *RICHCC* contém, nas notas de introdução ao reinado de Domitianus, elementos que também interessam ao exame que vimos fazendo deste último aspecto do anverso do nosso áureo. Refere-se a «unusual» legenda de anv. «IMP CAES DIVI VESP F DOMITIAN AVG P M on at least one issue of A.D. 81» (...) «whose Roman mintage on this account may perhaps be doubt» <sup>(2)</sup>. Ao lado do problema do lugar de emissão posto em relação a este numisma não deixa de ser curioso que a autora desta obra — em boa verdade muito cuidadosamente elaborada e actualizada, bem mais do que o simples catálogo de uma boa colecção — omitta completamente, no texto da já referida introdução, a legenda do áureo primeiro divulgado nas páginas de *Nummus* por M. Ramires e já antes conhecida, pelo menos, através dos catálogos de onde foi extraída a documentação ilustrada já referida existente no BM, parte da qual, como também já se viu, é citada em notas de *RIC* e *BMCE* (as peças das vendas Hirsch e Santamaria). Esta omissão da legenda é tanto mais curiosa quanto se verifica que na mesma introdução cita, na sua lista de reversos, o rev. «Germania seated r.» em emissão de 84 (cf. CLVII).

Passamos à análise do tipo do reverso. Não oferece qualquer dúvida que a figura feminina é uma representação simbólica de *Germania*. Associada ao décimo consulado do imperador não pode deixar de referir-se à primeira das sucessivas operações contra os germanos, a vitoriosa campanha que teve lugar em 83, contra os *Chatti*, junto ao Reno. É a primeira vez que o tipo ocorre, tendo sido depois regularmente cunhado; o tema tornou-se mesmo, desde esta primeira emissão, o segundo grande tipo que dominará na amoedação em metal nobre. Mas se o tipo ocorre pela primeira vez e é nesse sentido original, não há propriamente grande originalidade no seu aspecto simbólico, ao representar uma área geográfica ven-

---

(1) A p. 156, nota 21, *RIC* cita um denário com a «unusual» leg. «IMP CAES DIVI VESP P. DOMITIAN AVG. P. M.» com a cabeça laureada à esq., citando «B. N. S. 1884, p. 131». Se a legenda está correctamente transcrita, nesse caso já ela é, efectivamente, suspeita. Ela será mais que «unusual», pois contém, na realidade, um erro. De notar que *BMCE* se refere ao que supomos ser a mesma peça mas citando a leg. com «F» (cf. p. 302, nota 22). Ao redigir este trabalho não temos possibilidade de esclarecer esta disparidade de citações. Quanto ao espécime citado em *RIC*, p. 207, nota, alínea (e) este tem de considerar-se, na realidade, altamente suspeito.

(2) Cf. CLVI (Omitimos o parêntesis que envolve as duas letra do final da leg., as quais são claramente visíveis na ilustração da peça; no catálogo, p. 282/2, denário, pl. 49; em nota: «Not mint of Rome?»).

cida através de uma mulher, em atitude de derrota, moral e física <sup>(1)</sup>, com os dois complementos bélicos do tipo (o escudo por terra, onde a vencida se senta, e a lança inutilizada, jazendo a seus pés). Mattingly dá o devido relevo à importância dessa primeira campanha (*BMCE* LXXXVI-VII). A tal triunfo foi o imperador buscar o uso legítimo do cognome *Germanicus* e além da propaganda a que o nosso tipo serviu de veículo há outros em ouro e prata relacionados com o mesmo acontecimento: o áureo do imperador em quadriga celebrando um triunfo e a excepcional peça de 8 *denarii*, ambos já de 85 (cf. *BMCE* II, p. 316/\* e 83). O tópico da guerra contra os germanos também não estará ausente do *aes*, mas com tipologia diversa, os maiores módulos destes metais prestando-se já a composições mais elaboradas, de inspiração também em modelos dos seus antecessores imediatos, como, por exemplo, o reverso *Germania capta* de sestércio de 85 (*BMCE* II, pl. 70/8).

O módulo e a orientação do eixo do reverso não justificam quaisquer comentários. Já o peso justifica algumas considerações.

No seu segundo ano de reinado Domitianus procedeu a alterações monetárias entre as quais a que afectou o peso do áureo, traduzindo-se tal alteração em uma subida de peso em relação ao da mesma denominação cunhada pelos seus imediatos antecessores e ao peso dos seus áureos de 81. É muito interessante verificar a perfeita homogeneidade de pesos que se verifica entre o áureo de Casal e os das vendas Hirsch e Santamaria, que são, respectivamente, 7,78, 7,78 e 7,77 gr. <sup>(2)</sup>. Outro facto saliente é que tais pesos se revelam nitidamente fortes, superiores aos que são proporcionados por valores médios. Na realidade, *BMCE* II dá, para os anos de 82 a 96, a média de 7,58 (40 unidades pesadas), salientando Mattingly que tal cunhagem se apresenta com irregularidades, observando-se um declínio de peso (c. 7,45) por meados do reinado e que nos últimos anos há uma subida tendendo para 7,58 (cf. XIII-XIV). Um estudo re-

---

(1) Na figura e postura femininas há evidente analogias com antecedentes próximos proporcionados pelos bem conhecidos reversos de Vespasianus com a leg. *Judaea*, com a leg. *Judaea capta* (v. g. *BMCE* pl. 10/13, pl. 23/10-11, pl. 30/4) e por reversos de Titus com a leg. *Jud cap* (v. g. *BMCE*, pl. 48/8-10).

(2) Na documentação ilustrada que consultámos no BM não havia pesos anotados para as outras três peças. Os áureos das vendas Santamaria e Glendining não apresentam pesos nos respectivos catálogos (Agradecemos ao nosso amigo K. Jenkins esta verificação).

cente <sup>(1)</sup> dá para os áureos de Domitianus um «peso teórico» de 7,742958 e um «peso legal inferior» de 7,648547. Este mesmo estudo confirma os dados de *BMCE I* para o áureo de Nero depois da reforma de 64. Uma amostra de 56 unidades («FDC et superbes») forneceu um peso médio de 7,32 (peso igual ao «peso legal inferior») e uma distribuição com 42 peças entre 7,27 e 7,37 (5 peças abaixo de 7,27; 9 com mais de 7,37).

Passando em revista os dados metrológicos condensados em *BMCE I* (para o período de 68 a Vitellius) e em *BMCE II* (para Vespasianus e Titus), verifica-se que entre as 16 médias apresentadas só quatro (7,59-7,44-7,39-7,69 <sup>(2)</sup>) são superiores ao peso médio do áureo da reforma de Nero (7,32) e se situam, cronologicamente, em 68-69. Por outras palavras: dadas as médias citadas, tem de concluir-se que, uma vez lançados em circulação os áureos de 82-96, só escassas peças sobreviventes de emissões posteriores a 64 com eles poderiam competir, tanto mais que um outro factor possível tem, pelo menos teoricamente, de entrar em linha de conta e esse ainda desfavorável às últimas peças: as perdas de peso resultantes da circulação. Não nos parece difícil de surpreender o interesse desta conclusão. Ela poderá ter alguma coisa a ver com um aspecto que é agora oportuno retomar, para devida consideração: a verificada raridade dos áureos do décimo consulado de Domitianus com os tipos do áureo de Casal. A análise de cunhos dos 6 exemplares examinados (o de Casal e os 5 da documentação ilustrada do BM) já de si induz a pensar em emissão não caracterizada por elevado número de unidades. Efectivamente, em amostragem tão pequena, há segura repetição de cunhos, que pode ir até ao ponto de 5 das peças provirem do mesmo cunho de anverso. É possível, assim, e em recapitulação, apresentar três factores que, cumulativamente, tudo leva a crer, poderão ter concorrido para a citada raridade: *a*) uma emissão «relativamente» pequena quanto ao número de unidades; *b*) a valorização do áureo operada por Domitianus em 82; *c*) a reforçar o último factor, o peso notavelmente forte da própria emissão.

---

(1) A problemática da determinação do peso da moeda romana é complexa. Além de um problema de base — o da libra romana — há problemas técnicos de metodologia estatística e de índole puramente numismática a ter em conta para obter valores teóricos e valores reais. Em M. Thirion, *Le Trésor de Liberchies*, Bruxelles, 1972, pp. 49-61, encontrará o leitor alguma dessa problemática tratada e referências bibliográficas. É de tal obra que extraímos os dados que a seguir se citam (cf. pp. 53-4, 58).

(2) As amostras que fundamentam tais médias são, estatisticamente, muito débeis: respectivamente 4, 1, 3 e 10 unidades (cf. *BMCE I*, LI).

A propósito destas conclusões sobre a raridade do nosso áureo, parece-nos oportuno passar em revista alguns dados para tesouros dos sécs. II e III, a fim de que se possa verificar o que ocorre com as peças de ouro de Domitianus.

No já citado estudo do tesouro de Liberchies (388 *aurei*; peça mais antiga: Nero, de 63-64; peça mais moderna: Marcus Aurelius, de 166) o autor salienta: *a*) a abundância das peças de Nero (68 unidades); *b*) a falta quase total das peças do reinado de Domitianus (só duas peças, de 81), não obstante ter reinado 15 anos; *c*) a ausência total das peças de Nerva <sup>(1)</sup>. Para aferir o valor destas conclusões o autor procedeu à comparação com outros tesouros do mesmo metal e época, oferecendo condições para um cotejo válido, num total de 4. O estudo comparativo revelou que três de tais tesouros tinham uma composição idêntica ao de Liberchies, o outro sendo nitidamente um tesouro especial, um típico tesouro de aforramento em que só peças em muito bom estado foram guardadas. No que se refere a Domitianus e Nerva o estudo comparativo confirmou os resultados do tesouro de Liberchies. Nos 5 tesouros (total 1 280 peças, de Nero a Marcus Aurelius): 6 de Domitianus, nenhuma de Nerva. Em 4 tesouros (Liberchies e os outros três similares), com um total de 1 208 unidades, havia apenas 4 de Domitianus, de 81-2; dois deles não incluíam qualquer peça deste imperador, havendo nos outros dois duas unidades em cada um. A percentagem de peças de Domitianus é 0,32 % do total e por ano. O que explica a ausência das peças de Domitianus — o peso, devido à revalorização levada a efeito em 82 — aplica-se, igualmente, ao áureo de Nerva (peso médio em *BMCE* III (cf. XV): 7,56, amostra com 13 unidades). A curta duração deste último reinado (2 anos, 96-98) não é factor suficiente para explicar a ausência total das suas peças em todos os tesouros: Titus, cujo reinado teve igual duração (79-81) está nos 4 referidos tesouros representado por 28 unidades, com 2,27 % do total das peças <sup>(2)</sup>. Estes resultados são confirmados para o séc. III através de um outro estudo de tesouros enterrados na *Gallia* até ao estabelecimento da tetrarquia. Neste segundo estudo, o autor salientou as duas conclusões seguintes relativas à circulação do numérico de ouro no séc. III: *a*) o desaparecimento de todas as peças anteriores à reforma de Nero; *b*) «a ausência ou, pelo menos, a grande rari-

---

(1) M. Thirion, *obra citada*, p. 43.

(2) *Idem*, pp. 43-48.



dade das peças do reinado de Domitianus e das de Nerva». Como comentário: «a ausência de estas duas séries de *aurei* explica-se pelo seu peso forte que as arrastou ao cadinho e as eliminou rapidamente da circulação, como já o observou Regling (1).

Resta-nos abordar um último aspecto do áureo de Casal. Como a própria fotografia claramente mostra, aplica-se-lhe bem a designação de peça à «flor de cunho». Mas a peça apresenta, sobre a fronte imperial, um defeito, a que M. Ramires não fez a mínima alusão. Na foto publicada por este autor tal defeito não é muito aparente e passará mesmo despercebido. A foto a cor e ampliada que publicamos torna-o claramente verificável. Observada a peça sob uma lupa potente verifica-se que tal defeito tem o aspecto de uma caverna alongada, com interior de cor escura. Desde o começo se nos afigurou que o referido defeito se não poderia explicar por defeito existente no cunho (2). Não sabemos, entretanto, a explicação que tal defeito terá, dado o extraordinário estado de conservação e a carência de qualquer outro ponto análogo ou suspeito em toda a peça, cuja superfície foi por nós cuidadosamente examinada. É que a primeira hipótese que se nos deparou para justificar tal defeito foi a de que se estaria em presença de uma peça forrada, com interior, portanto, de metal pobre. Colocada em recipiente quando o tesouro foi ocultado, sem que até então tivesse sofrido efeitos visíveis provocados por circulação, poderia ter acontecido que, sob condições adversas de humidade ou outras, o revestimento superficial de ouro tivesse sido interrompido, por processo de corrosão afectando o metal pobre do interior da peça. Tentámos contraprovar esta hipótese. Não foi possível conseguir que nos fizessem em Coimbra uma análise por processo conveniente, não destrutiva e não dando apenas uma leitura de superfície. A nosso pedido, o novo proprietário do numisma tentou que ao mesmo fosse feita uma análise por activação de neutrões. Não o conseguiu. Tudo o que

---

(1) P. Le Gentilhomme, «Les *aurei* du trésor découvert à Rennes en 1774. Essai sur la circulation de la monnaie d'or au III<sup>e</sup> siècle», *Revue Numismatique*, Paris, 1943, pp. 11-43 (cf. especialmente pp. 19-20). A obra de K. Regling a que o autor se refere é «Der Schatz römischer Goldmünzen von Diarbekir (Mardin)», *Blätter für Münzfreunde* 66, 1931.

(2) A possível explicação do defeito a partir do cunho tem de ser, depois da análise da documentação ilustrada do BM, regeitada. Acrescente-se que entre tal documentação nenhum indício anormal digno de registo verificámos.

pudemos fazer foi proceder à determinação da densidade. O resultado obtido (19,20) revelou um valor que, para a densidade do ouro, tem de considerar-se normal <sup>(1)</sup>.

---

(1) Cumpre-nos agradecer ao nosso amigo Dr. Abílio Marques da Silva, Técnico Experimentador da Fac. de Ciências e Tecnologia de Coimbra, a colaboração dispensada na determinação da densidade. Esta determinação foi feita utilizando como líquido água, com devida correcção em função da temperatura desta. Observe-se, a propósito, que se não desconhece que o líquido utilizado não é cientificamente o indicado (Sobre o rigor e particularidades do método cf. W. A. Oddy e M. J. Hughes, «The specific gravity method for the analysis of gold coins», *Methods of Chemical and metallurgical investigation of ancient coinage*, E. T. Hall e D. M. Metcalf (editores), London, 1972, pp. 75-87, onde se cita a bibliografia essencial, em especial M. J. Hughes e W. A. Oddy, «A reappraisal of the specific gravity method for the analysis of gold alloys», *Archaeometry*, vol. XII, part I, Oxford, 1970, pp. 1-11.

A Mr. R. A. Carson, do Medal and Coin Department do BM, também temos a agradecer a informação de conhecer apenas um único caso, dentro da moeda romana de ouro, de uma peça forrada, caso que é uma clara falsificação. Trata-se de uma peça da colecção do BM, que tivemos ocasião de apreciar. É uma peça de Constantius II.

DESCRIÇÃO GERAL E HISTÓRICA  
DAS  
MOEDAS CUNHADAS EM NOME DOS REIS, REGENTES  
E  
GOVERNADORES DE PORTUGAL  
POR  
A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO

*Pecunia totum circumit orbem.  
(Nas moedas de cobre para o Brazil.)*

---

---

TOMO I

---

---



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1874

*Fac-simile do frontispício do 1.º tomo da 1.ª edição*

